

ESPAÇOS MÚLTIPLOS E CIRCULARIDADES NA FESTA DO KIPUPA: RELIGIOSIDADES E REIVINDICAÇÕES DE DIREITOS ÉTNICO-RACIAIS¹

José Roberto Feitosa de Sena
Doutorando em Sociologia (PPGS/UFPB)

O Kipupa é um festejo afro-religioso e um ambiente de encontro de movimentos sociais realizado no Grande Recife/PE desde 2006. Percebo, através de trabalho etnográfico, uma circularidade de atores que compõe o múltiplo espaço da festa, campo social híbrido configurado pela circulação de atividades acadêmicas, onde é constante a presença de pesquisadores da cultura afro e indígena, essa participação é um meio de legitimidade; é um espaço sagrado, em que os diversos líderes religiosos se reúnem para celebrar a memória e os rituais da Jurema; é um espaço de festa no qual os participantes brincam na tradicional sambada de coco, com a apresentação de mestres da cultura popular; e, por fim, é um espaço político, pois reivindicam liberdades de culto, direitos étnico-raciais e de gênero, a afirmação de identidade negra e a manutenção da memória religiosa frente à fragmentação cultural pós-moderna.

Palavras-chave: Festa religiosa; direitos étnico-raciais; identidade afro-brasileira.

¹ Texto apresentado durante o V Seminário Nacional de Estudos Culturais Afro-Brasileiros e II Seminário Afro-Paraíba realizados pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros – NEABI no Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba entre os dias 4 e 6 de novembro de 2014.

Um breve passeio no universo múltiplo do Kipupa

O Kipupa Malunguinho é um encontro que já faz parte do calendário cultural pernambucano, criado em 2006 pelo Quilombo Cultural Malunguinho (organização não-governamental que luta no combate à intolerância religiosa), com o objetivo de celebrar a memória do líder quilombola João Batista conhecido também como Malunguinho, morto em 18 de setembro de 1835, em terras de seu antigo quilombo, o Catucá, de acordo com pesquisas históricas de Carvalho (2001) Reunindo representantes das tradições culturais negras e indígenas pernambucanas, o evento compõe uma experiência de troca de saberes e de contato com a sociedade afro-religiosa, com diversos artistas e mestres da cultura popular que contribuem para a realização deste que é um dos maiores eventos em matas fechadas do Nordeste. Além disso, observo ao longo das edições que acompanho o evento, que é marcante a presença de militantes de movimentos sociais diversos, sobretudo aos ligados as causas étnico-raciais, de combate à intolerância religiosa e de gênero. Configurando um campo de múltiplos interesses, conflitos e tensões em que os atores e grupos sociais movimentam-se em busca de *reconhecimentos* (HONNETH, 2003).

A palavra Kipupa, vem do tronco lingüístico do Kimbundo, uma das principais línguas faladas em Angola, África, e significa “agregação”, “união”, “coesão”, “encontro” de pessoas em prol de algum objetivo, que neste caso é a união e agregação de sacerdotes, artistas, acadêmicos, representantes políticos, estudantes e interessados para celebração e vivência, na memória, tradição e reflexão do papel do negro/índio na história e construção do país, reverenciando sempre a ancestralidade das divindades africanas e ameríndias.

Entre os anos de 2008 a 2014 participei do Kipupa com o atento olhar etnográfico a fim de registrar parte da vivência religiosa do “povo do santo”, buscando interpretar ² os significados dessa festa sagrada. Percebi que além de ser um evento festivo e religioso, ele atrai acadêmicos e militantes de diversas áreas que procuram

² A experiência religiosa em si é impenetrável, única e pessoal, um modo de o indivíduo transcender-se alcançando o sagrado. Este sentimento é inenarrável, porém a relação estabelecida pode ser captada na dimensão externa, ou seja, aquela social, do código, da cultura. É neste nível que o conhecimento torna possível a interpretação.

contribuir na luta por diversidade religiosa e igualdade de direitos. Essa pesquisa é, portanto fruto de uma investigação etnográfica que se realizou informal e gradualmente ao longo das edições do evento em que estive presente como mero “curioso” que aos poucos observava e dialogava com algumas das principais lideranças, no intuito de compreender aquele o universo, cuja complexidade tornam inseparáveis as dicotomias durkheimianas (1989; 1997) de sagrado e profano.

Espaços múltiplos e circularidades socioculturais no Kipupa.

O Kipupa Malunguinho surgiu em 2006 sob a organização do Quilombo Cultural Malunguinho, entidade formada por acadêmicos, militantes do movimento negro e adeptos das religiões afro-brasileiras e indígenas. Desde a primeira edição foi escolhido a mata do Engenho Pitanga II, Zona Rural de Abreu e Lima – Município da Região Metropolitana do Recife-PE, local onde é realizado, sempre que possível nos meses de setembro para comemorar o aniversário de morte do líder Malunguinho³. Esse ambiente natural é transformado em espaço sagrado durante a celebração da cerimônia litúrgica, em que o rito revive o mito fundador, ou seja a escolha deste local (que dista aproximadamente 1h:30min do centro do Recife) é oportuna pois, a partir das pesquisas de Carvalho (2001) chega-se a maiores informações sobre a vida de João Batista, líder quilombola que viveu naquela região mobilizando seus companheiros para resistência à escravidão. João Batista é um dos tantos malungos que demonstraram força frente a opressão colonial. Para o povo negro de Pernambuco, o mais notável, pela sua bravura, tornando-se símbolo de identidade afro-brasileira, um ser histórico transplantado ao universo sagrado por meio da transcendência mítico-simbólica.

Os relatos da existência dos quilombos do Catucá estão ainda hoje no Arquivo Público Estadual de Pernambuco, em manuscritos, jornais da época, documentos de terras, mapas e relatórios da polícia provinciana e documentos de todo o século XIX.

³ Malungo significa companheiro, parceiro, camarada. Denota fraternidade, confiança e solidariedade mais informações ver: LIMA, Dilson Bento De Faria Ferreira. **Malungo**: Decodificação da umbanda: contribuição a história das religiões. 1. Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

O evento é anunciado semanas antes por meio de endereços eletrônicos e do blog⁴ da entidade, são locados diversos ônibus que partem de pontos estratégicos com o objetivo de levar o maior número de representantes dos mais variados terreiros de culto afro-brasileiro. Por volta das 7h da manhã do penúltimo ou último domingo de setembro (ou ainda na primeira semana de outubro) os coletivos seguem para as matas. Ao som da sambada de coco e de cânticos religiosos os participantes seguem durante a viagem que se torna um dia de fé, alegria e reencontro de amigos. Ao chegarem, as famílias e/ou terreiros se reúnem para fazer o característico desfile de sua comunidade, aos aplausos cada grupo vai se acomodando para dar início aos diversos discursos: dos organizadores, dos representantes da academia, das agremiações culturais, das entidades políticas, dos movimentos sociais, e dos sacerdotes e sacerdotisas das religiões negras e indígenas.

Após calorosas explanações os juremeiros seguem mata adentro levando quitutes e iguarias em oferendas aos mestres sagrados: são frutas, bombons, aguardente, cerveja fumo, sementes, legumes, folhas, lavandas, defumadores etc. que serão ofertados para as divindades ao som dos atabaques e chocalhos, alternam cânticos e ritmos, proferem discursos emocionados, realizam banhos de limpeza espiritual, fazem despachos, dançam freneticamente na busca de alcançar os deuses, uns procuram manter a organização da festa enquanto outros integrantes realizam preces e entram em transe simultaneamente, invocando entidades sagradas construídas no decurso multiseular da história brasileira marcada por hibridismos e dinâmicas culturais diversas.

“Nela existem diversos tipos das entidades: índios, caboclos, pretos velhos, pretas velhas, mestres mestras, exus e pomba giras. Seus poderes e serviços variam de acordo com pedidos que lhe são feitos, mas em regra geral, tratam de curar doenças internas e externas, arranjar trabalhos, fazer e desfazer casamentos, abrir caminhos e dar fim às aflições do dia-a-dia. Nesse panteão de encantados, os caboclos e os índios são apontados como de origem indígena, já os pretos velhos são tidos como antigos negros conhecedores das ervas e de outros segredos que viveram nas senzalas o tempo da escravidão” (LIMA, 2004, p. 197)

⁴ Ver: <http://qcmalunguinho.blogspot.com/>

Além das celebrações religiosas, e como parte integrante dela, há além da tradicional sambada de côco em que se apresentam muitos grupos de cultura popular, uma forte presença de militância sociopolítica ligadas principalmente às causas do Movimento Negro Pernambucano e à luta por reconhecimento de igualdade étnico-racial e afro-religiosa. É um espaço plural em que se movimentam múltiplos interesses, onde há uma circularidade cultural (GINSZBURG, 1988) que congrega e legitima os membros em torno da afirmação de identidades diaspóricas (HALL, 2003; 2006).

Para a compreensão antropológica do evento me amparo no conceito de cultura de Geertz que a interpreta como uma rede simbólica, constituída por sinais e símbolos portadores de significados:

O conceito de cultura que eu defendo é essencialmente semiótico. Acreditando como Marx Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa em busca de significados (GEERTZ, 1989, p. 15).

No Kipupa, objeto de análise dessa pesquisa, percebe-se uma vasta rede de significados, que expressam a polissemia da festa. Seus sentidos sagrados e profanos são levados às matas como uma forma de pôr em prática a visão de mundo e as experiências vivenciadas por aquele grupo cultural. O autor avalia que os símbolos sagrados são o *ethos* de um povo, onde os homens e mulheres têm uma grande dependência em relação aos símbolos, sendo eles decisivos nas suas criações. O sistema simbólico não apenas interpreta como também cria um modelo de sociedade. As expressões religiosas, lúdicas e sociopolíticas presentes na festa do Kipupa compõem um conjunto de símbolos que dá sentido e permite aos indivíduos uma leitura da sociedade bem como de sua ordem: “O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete” (GEERTZ, 1989, p. 93).

O presente ensaio é resultado preliminar de um breve esforço de análise que realizo a partir de dados coletados em campo através de uma pesquisa cujo principal captador de informações é o meu olhar, por isso não tenho aqui pretensões de realizar uma sistematização do estudo, nem tão pouco de me referenciar em métodos considerados mais adequados, mas sim, registrar minhas impressões deste evento na condição de participante *outsider*. Portanto as reflexões aqui contidas são pensamentos

embrionários, mas não arbitrários, que certamente carece de mais dados e fundamentações. No entanto, o presente texto, figura como uma salutar abertura para a continuidade de tais investigações.

Penso que esse breve passeio no universo religioso do Kipupa Malunguinho é importante para que possamos refletir sobre uma dimensão que perpassa a esfera sagrada, cujas teias de significados são tecidas por diversos interesses, por múltiplos espaços e atores, dentre os quais pudemos pontuar além da festa religiosa, a luta incessante dos seus integrantes, no intuito de vocalizar e legitimar suas expressões socioculturais, políticas, étnico-raciais e sexuais. Entendo aqui, o espaço da festa sagrada também como o espaço circular de luta e reivindicações de direitos, pelo espaço de mostrar seu território e afirmar sua identidade. A pluralidade cultural negro-indígena vem à tona se afirmando enquanto tal e procurando estender a liberdade de culto aos terreiros afro-pernambucanos. A luta é contra a intolerância, a favor de um frutífero diálogo inter-religioso e da construção de uma nova consciência cultural em que predomine a aceitação do “outro” e das múltiplas formas de ver, sentir e viver no mundo.



Ritual religioso de oferenda durante a IX edição do Kipupa Malunguinho
Foto: José Roberto Feitosa de Sena (2014)

Referências Bibliográficas

BITTENCOURT Filho, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes/Koinonia, 2003.

CARVALHO, Marcus. *Liberdade, rotinas e rupturas do escravismo no Recife (1822-1850)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2001.

DURKHEIM, Émile. *O problema religioso e a dualidade da natureza humana*. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: Iser, n., 1997.

_____. *As Formas elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Fortaleza: Tempo Brasileiro/UFCE, 1983.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1. Ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GUINSBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo, companhia das Letras, 1988.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

_____. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. PD&A: 2006.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad: Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003.

LIMA, Dilson Bento De Faria Ferreira. *Malungo: Decodificação da umbanda: contribuição a história das religiões*. 1. Ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.